Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho [foto: acervo pessoal Prof.ª Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola]

Visão de Dionísio

Friedrich Nietzsche Seleção e tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho Universidade de São Paulo

Histrionismo Dionisíaco

O que significa o conceito, introduzido na estética por mim, da oposição entre o apolíneo e o dionisíaco concebidos ambos como espécies de embriaguez? — A embriaguez apolínea mantém excitado, antes de tudo, o olho, de modo que ele adquire a força da visão. O pintor, o escultor, o épico são visionários por excelência. No estado dionisíaco, em contrapartida, o sistema emocional em seu conjunto está excitado e intensificado: de modo que descarrega todos os seus meios de expressão de uma só vez e põe para fora, a um só tempo, a força da encenação, da imitação, da transfiguração, da transmutação, toda espécie de mímica e representação. O essencial continua sendo a ligeireza da metamorfose, a incapacidade de não reagir (à semelhança do que ocorre com certos histéricos, que a cada aceno entram em cada papel). É impossível ao homem dionisíaco deixar de entender qualquer sugestão, nenhum signo da emoção lhe escapa, ele tem o grau máximo do instituto que entende e adivinha, assim como possui o grau máximo da arte comunicativa. Entra em cada pele, em cada emoção, transmuta-se incessantemente. — A música, como a entendemos hoje, é igualmente uma excitação e descarga de conjunto das emoções, mas no entanto é apenas o remanescente de um mundo muito mais pleno de expressão da emoção, um mero resíduo do histrionismo dionisíaco. Para possibilitar a música, como arte isolada, foi calado um bom número de sentidos, antes de tudo o sentido muscular (ao menos relativamente: pois em certo grau todo ritmo fala ainda aos nossos músculos): de modo que o homem não mais imita e encena corporalmente tudo o que sente. Não obstante, é isso o estado normal propriamente dionisíaco, em todo caso o estado primeiro: a música é a especificação dele, lentamente alcançada, às custas das faculdades vizinhas. Crepúsculo dos ídolos, "Incursões de um Extemporâneo", § 10.

Música e Letra

O poeta faz o impulso de conhecimento brincar, o músico o faz descansar — ambos lado a lado, seria efetivamente possível? Se estamos totalmente abandonados

I Publicado originalmente na Folha de São Paulo, caderno Folhetim, 08 de agosto de 1982.

à música, não há nenhuma palavra em nossa cabeça — um grande alívio. Tão logo voltamos a ouvir palavras e a raciocinar, isto é, tão logo entendemos o texto, nossa sensibilidade para a música tornou-se superficial: agora a ligamos com conceitos, a comparamos com sentimentos e exercitamo-nos no entendimento simbólico — um ótimo entretenimento! Mas, quanto àquele profundo, singular feitiço que dera descanso a nossos pensamentos, quanto àquele colorido crepúsculo que apagara o dia espiritual, era uma vez. — Tão logo não entendemos mais as palavras, claro, está tudo em ordem outra vez: e isto, felizmente, é a regra. De qualquer modo, textos ruins são sempre preferíveis aos melhores, porque não desviam nenhuma atenção para si e querem passar despercebidos. — A ópera quer ocupar também os olhos, e, porque a grande maioria tem os olhos maiores que os ouvidos, o que quer dizer muito, a música de ópera se orienta pelos olhos e contenta-se a soprar fanfarras características, toda vez que há algo novo para se ver — começo da barbárie. *Inocência do devir*, 1, § 450.

Espírito Livre / Pathos Filosófico

"O que é bom é leve, tudo o que é divino corre com pés delicados": proposição primeira de minha estética. [...] E, mais uma vez: torno-me um ser humano melhor quando este Bizet me fala. Também um melhor músico, um melhor ouvinte. Pode-se ouvir ainda melhor? — Enterro meus ouvidos ainda sob esta música, ouço sua causa. Parece-me que vivo sua gênese — tremo ante perigos que acompanham qualquer ameaça, delicio-me com acasos felizes pelos quais Bizet é inocente. — E, singular! no fundo não penso nisso, ou não sei o quanto penso nisso. Pois pensamentos totalmente outros correm-me, enquanto isso, pela cabeça... Notaram que a música torna livre o espírito? dá asas ao pensamento? que alguém se torna tanto mais filósofo quanto mais se torna músico? — O céu cinza da abstração fulgurado como que de relâmpagos; a luz forte o bastante para toda filigrana das coisas; os grandes problemas ao alcance da mão; o mundo visto como do alto de uma montanha. — Acabo de definir o pathos filosófico. — E despercebidamente caem-me ao colo respostas, uma pequena saraivada de gelo e sabedoria, de problemas solvidos... Onde estou? — Bizet me faz fecundo. Tudo que é bom me faz fecundo. Não tenho nenhuma outra gratidão, não tenho nenhuma outra prova para aquilo que é bom. O Caso Wagner, § 1.

Wagner: Doença indispensável ao Filósofo

Minha vivência máxima foi uma convalescença. Wagner inclui-se apenas entre minhas doenças. Não que eu quisesse ser ingrato para com essa doença. Se, com este escrito, afirmo a proposição de que Wagner é *nocivo*, não quero menos afirmar a quem ele é, não obstante, indispensável — ao filósofo. Em todo o resto pode-se

talvez passar sem Wagner: ao filósofo, porém, não é dada a liberdade de abster-se de Wagner. Ele tem de ser a má consciência de seu tempo —, para isso precisa ter dele a melhor ciência. Mas onde encontraria, para o labirinto da alma moderna, um guia mais iniciado, um mais eloquente doutor de almas, que Wagner? Através de Wagner fala a modernidade sua linguagem mais íntima: não esconde nem seu bem, nem seu mal, desaprendeu toda vergonha de si. E, inversamente: quase fez um balanço geral sobre o valor do moderno quem está às claras consigo sobre o bem e o mal em Wagner. — Entendo perfeitamente se hoje um músico diz: "Odeio Wagner, mas não suporto mais nenhuma outra música." Mas também entenderia um filósofo que declarasse: "Wagner *resume* a modernidade. Não adianta, é preciso ser primeiro wagneriano…" *O Caso Wagner*, Prefácio.

Futuro da Música

Contra a música alemã considero recomendável muita cautela. Suposto que alguém ame o sul como eu o amo, como uma grande escola de convalescença, no que há de mais espiritual e de mais sensual, como uma indômita plenitude solar e transfiguração solar que se difunde sobre uma existência dona de si, que acredita em si: então, esse alguém aprenderá a tomar certo cuidado ante a música alemã, porque ela, na medida em que volta a corromper seu gosto, volta a corromperlhe, junto, a saúde. Um tal meridional, não pela procedência mas pela crença, caso sonhe o futuro da música, tem de sonhar também que a música se redima do norte e ter em seus ouvidos o prelúdio de uma música mais profunda, mais poderosa, talvez mais maldosa e mais misteriosa, de uma música supra-alemã, que perante a visão do azul mar voluptuoso e da clareza mediterrânea do céu não perca a sonoridade, não amareleça, não empalideça, como o faz toda musica alemã; uma música supra-européia, que ainda perante os pardos pores-do-sol do deserto se mantenha firme, cuja alma é aparentada com a palmeira e sabe estar em casa e vagabundear entre grandes, belos, solitários animais de rapina. — Eu seria capaz de pensar uma música cujo mais raro feitiço consistisse em não saber mais nada de bem e mal, exceto, talvez, por alguma nostalgia de navegante, algumas sombras douradas e delicadas fraquezas que deslizassem, aqui e ali, por sobre ela: uma arte que, de grande distância, visse fugir em sua direção as cores de um mundo moral em declínio, tornado quase incompreensível, e que fosse hospitaleira e profunda o bastante para acolher tais fugitivos retardatários. Para Além de Bem e Mal, § 255.